

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS  
Mundos do trabalho: pensamento político-social heterodoxo (GEPENSAH)

FICHA DE LEITURA

Elaboração: Joacy Ghizzi Neto

Data: setembro de 2019

DADOS DA OBRA

Título: *Em busca do real perdido* (61 p.)

Referência: BADIOU, Alain. *Em busca do real perdido*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FICHA BIBLIOGRÁFICA

Hoje, o real, enquanto palavra, é utilizado de maneira essencialmente intimidante.

- Devemos nos preocupar e obedecer ao real constantemente.
- Ou – os homens de negócios e políticos preferem “as realidades”.
- Somos atacados por uma opinião dominante segundo a qual existiram realidades impositivas ao ponto de não se poder imaginar uma ação coletiva racional cujo ponto de partida subjetivo não seja aceitar essa imposição (p.7).

O real pode ser suporte apenas de uma imposição?

- O real nunca é encontrado, descoberto, inventado, mas sempre imposto sob a forma de lei, geralmente orçamentária.
- Mas como pensar um real real?
- Difícil começo: não se pode começar nem pela ideia, pelo conceito, pela definição; nem pela experiência, o dado imediato ou sensível.
- Começar pela definição a transforma no contrário do pretendido: é uma subtração do real (p. 8).

A simples realidade do conceito não pode valer como prova do real

- Quando muito, pode-se formular uma *hipótese sobre o real*, mas não uma apresentação do próprio real.
- O idealismo da filosofia, com abstrações fáceis, não permite o acesso.
- Mas, sendo assim, é o real como intimidação que retorna; levantando o “concreto” como bandeira em oposição à “mania idealizadora”, chamada hoje de utopia criminosa, ideologia desastrosa, devaneio arcaico.
- Assim tem sido tratada a tese que começa a busca pelo real com a figura de abstração
- Nesse cenário, o verdadeiro real vem como as realidades da economia do mundo, a inércia das relações sociais, o sofrimento das existências concretas, os mercados financeiros; oporão tudo isso contra à ideocracia militante, que dizem nos meteu em aventuras sangrentas no XX (p.9).

O saber do real foi, então, confiado à economia.

- Mesmo que constatamos que ela não é capaz sequer de prever desastres na sua própria esfera, o discurso econômico é o guardião e fiador do real.
- Mesma quando enuncia – obrigada diante da evidência dos fatos – que o seu real está fadado à crise, à patologia, eventualmente ao desastre, todo esse discurso inquietante não produz nenhuma ruptura com a submissão subjetiva ao real de que ela se gaba de ser o saber (p. 10).

Nunca fez senão validar o caráter intimidante desse famigerado real, e nos submeter sempre mais a ele.

- Mesmo depois da falência desse real, os economistas e seus financiadores voltam a reinar como antes. Não se deixam destituir.

- Logo, a economia não nos ensina a sair de uma concepção intimidante e opressiva do real (p. 11).

\* A questão do real é evidentemente também a questão de saber que relação a atividade humana, mental e prática, mantém com o referido real. E, mais especificamente se ele funciona como um imperativo da submissão ou se pode ou poderia funcionar como um imperativo aberto à possibilidade de uma emancipação.

Digamos que a questão filosófica do real é também, e talvez sobretudo, a questão de saber se, estando dado um discurso segundo o qual o real é impositivo, podemos – ou não podemos – modificar o mundo de tal maneira que se apresente uma abertura, anteriormente invisível, através da qual se consiga escapar *dessa* imposição sem, contudo, negar que haja real e que haja imposição.

- O motivo da “saída” – Platão. A alegoria da caverna representa para nós um mundo fechado sobre uma figura do real que é uma falsa figura. É uma figura do semblante que se apresenta para todos como o indiscutível do que pode existir.

- Para saber que um mundo está sob a lei de um semblante é preciso sair da caverna, é preciso escapar do lugar que esse semblante organiza sob a forma de um discurso impositivo (p. 12).

Qualquer consolidação “científica” desse semblante – como o discurso da economia – só faz impedir que uma saída seja possível [...]

- Logo, não é postulando o primado de um saber “científico” que se pode abrir um acesso livre a essa questão.

- Todos os saberes desse tipo convergem para a impossibilidade de uma saída, ou seja, para a manutenção de uma figura do real manejado como intimidação e princípio de submissão. [SENSÍVEL]

- Então o real se apreende através da experiência, da percepção sensível, do sentimento imediato, da emoção ou mesmo da angústia? Outra longa tradição filosófica.

- Pascal contra o racionalismo cartesiano; empiristas contra Leibniz, Kierkegaard critica Hegel, o existencialismo colocando a liberdade no lugar da verdade (p.13).

Falha de Hegel: acreditar em categorias puras como “ser”, “nada”, “devir”.

- É preciso partir de um ponto completamente diferente: a subjetividade como tal, única capaz de experimentar e descrever o que é o *encontro* com o real.

- Essa experiência toca no real diante do risco da angústia se o real vem a faltar, ou a superabundar.

- Lacan – A partir do momento em que se trata do real, em que caem as defesas organizadas pelo imaginário, pelo semblante, a angústia passa a estar na ordem do dia. Só a angústia não engana, ela que é um encontro.

- Objeção: se tem algo que está totalmente impregnado da dominação do real como intimidação ou submissão, esse algo é precisamente é a nossa experiência (p.14).

Na verdade, o mundo sensível – nosso mundo – nada tem de especialmente nu, ele é totalmente forjado e constituído por relações que remetem imediatamente à ditadura da figura do de de que parti.

- Pode-se sustentar que se confiar pura e simplesmente ao imediato sensível, aos sentimentos, à emoção e ao encontro acaba na realidade por consolidar não, dessa vez, o regime acadêmico ou pretensamente científico de um saber sobre o real, mas pura e simplesmente aquilo que o “real” quer dizer nas opiniões dominantes.

- Ou seja, nossa percepção, nosso encontro com o real, aquilo que tomamos por nossa espontaneidade livre e independente, tudo isso, na realidade, está estruturado de cabo a rabo pela figura do mundo submetido ao imperativo do real como intimidação.

- Assim, não se trata de um saber alienado na objetividade intimidante, como na primeira hipótese [o “real” do discurso econômico], mas a uma opinião que não podemos diferenciar da experiência imediata do real num mundo que está estruturado precisamente pela ditadura de um conceito do real como intimidação

- A função do escândalo em nosso mundo. O escândalo sempre se apresenta como a revelação de um pedacinho do real (p. 15).

O escândalo é precisamente aquilo que vai, em termos de opinião, abrir uma pequena porta para um cantinho do real, mas desde que imediatamente tratado como exceção. Uma escandalosa exceção.

- Sem o toque de exceção, tampouco haveria escândalo.

- A estrutura do escândalo remete em realidade à nossa segunda concepção do real, a visão empirista e existencial: topamos, de maneira imediata e sensível, com uma pontinha do real, podemos nos educar na direção de uma opinião livre sobre o real.

- Na verdade, não há nenhuma nova liberdade no escândalo, já que ele faz parte da educação geral e permanente à submissão. A única lição que se permite tirar do escândalo é que ele deve ser punido, logo, é a oportunidade para todos declararem submissão à ao conceito geral do real tal como ele funciona, entendendo-se que existem casos marginais, patológicos (p.16).

Geralmente, o escândalo na nossa sociedade é de corrupção. Curiosamente, é a sua própria lei íntima.

- O escândalo é necessário para a manutenção da sociedade tal como ela é ou está.

- Em uma sociedade em que o lucro é – de maneira amplamente consensual – o único motor viável para fazer funcionar a coletividade, pode-se dizer que a corrupção está na ordem do dia de maneira imediata.

- As leis servem justamente de apoio para que essa figura do real em que estamos apoiados se perpetue.

- É por isso que é necessário que volta e meia haja um escândalo: não, de modo algum, como revelação do real, mas como encenação de um pedacinho do próprio real *no papel de uma exceção ao real*.

- A única força do escândalo reside, assim, na teatralização de um minúsculo fragmento do real enquanto denegação desse mesmo real (p. 17).

Trata-se de fazer um pedacinho de real funcionar como se fosse uma exceção ao real, e de lançá-lo como um petisco à opinião pública para que ela volte fundamentalmente à sua submissão àquilo que no fundo é a lei do mundo: a onipresença da corrupção.

- O esporte é uma grande vítima do escândalo

- O esporte ocorre em público e para o público. Daí o fato de que o escândalo, que é sempre uma exposição pública do que deveria permanecer escondido, se sinta especialmente à vontade no esporte, que está sempre ostentando suas virtudes: o esforço, a abnegação, a lealdade na competição, o sucesso merecido... (p.18).

O que pensar quando milhares de partidas de futebol têm seu resultado combinado de antemão para que apostadores camuflados ganhem somas mirabolantes...

- Na certa, o escândalo está em casa aí, já que o esporte reúne as pessoas para assistir a ele, e o *doping* ou as partidas compradas transformam o esporte em puro semblante.

- Mas, no entanto, mesmo nessas condições, o que domina é a ideia de que a “imensa maioria” dos esportistas é leal e imaculada, e de que são feitos todos os esforços para que, afora essas exceções escandalosas, o esporte se mantenha em seu ser incorruptível.

- Quem está nos seus bastidores sabe que se trata de um domínio extremamente corrupto, porque o dinheiro está ali em quantias grandes demais para que seja limpo.

- Onde há muito dinheiro, há corrupção, porque ele só circula em grandes quantidades quando transborda um pouco para todos os lados.

- Logo, em se tratando do real, não se pode começar nem por uma definição rígida, que se construiria filosoficamente à distância de qualquer prova efetiva, nem pela ideia de um encontro sensível com a exceção, que nos abriria de repente a porta do real. Nem a arrogância do conceito nem a provocação do escândalo trazem em si mesmas uma revelação do real.

- É necessário construir diagonais, para nos aproximarmos do real num processo singular a cada vez:

1) **I - uma anedota**

2) uma simples máxima teórica, uma definição

3) um poema (p.19).

Molière morreu enquanto estava representando *O doente imaginário* (p.20).

Molière morre de uma doença real. Essa doença real, que causou sua morte, se descobre no interior, ou a propósito, ou nas condições de uma doença que não é apenas representada, como também, mesmo no interior da representação, é apresentada como imaginária: uma espécie muito particular de roçar entre o real e o semblante.

- A doença mortal se manifesta no próprio coração do semblante; é carregado para fora do palco para ser atendido, quando representava realmente o semblante da doença.

- o real é o momento em que o semblante se torna mais real do que o real de que ele é o real: o papel do doente imaginário é representado por um doente real, e a morte de um acarreta a impossibilidade da morte do outro (p.21).

Há aí uma dialética do semblante e do real muito interessante, já que o real surge com uma violência extraordinária justamente no ponto de seu semblante, justamente na medida em que é de um doente imaginária que se trata.

- o real é *o que vem assombrar o semblante*

- a morte vem atingir o personagem do doente imaginário, tal como o ator Molière o encarna no palco, e o real vem assombrar não apenas esse semblante, isto é, o ator Molière, que está fingindo ser o doente imaginário.

- É impressionante ver que aquele que finge ser o semblante da doença morre de uma doença real.

- Generalização: relação dialética estreita e difícil entre o real e o semblante:

\* o real sempre se revela na ruína de um semblante.

- Não existe nem acesso intuitivo direto ao real nem acesso conceitual direto ao real, mas que há sempre essa necessidade indireta de que seja na ruína de um semblante que o real se manifeste (p.22). Só se chega ao real desmascarando-o.

- O real – como a filosofia segundo Descartes – avança mascarado. Logo, é preciso desmascará-lo.

- Mas é preciso desmascará-lo ao mesmo tempo que se leva em conta o real da própria máscara.

- Dessa forma, o real é sempre algo que desmascaramos, algo cuja máscara arrancamos.

- Todo e qualquer acesso ao real sempre se dá quando uma máscara é arrancada, ato que, entretanto, se institui ativamente a distinção entre o real e o semblante, deve assumir também que existe um real do semblante, que há um real da máscara (p.23).

Logo, *todo acesso ao real é também sua divisão*.

- É o ato dessa divisão, por meio do qual o semblante é arrancado e ao mesmo tempo identificado, que podemos descrever como sendo o processo de acesso ao real.

É preciso levar em conta o fato de que a própria máscara exige que a tenhamos por real (p. 24).

A hipótese do teatro de Pirandello é que não há real algum, já que toda máscara é a máscara de uma máscara, de maneira que tirar uma máscara exigiria tirar uma outra, sem que jamais se chegue ao real nu, já que é a própria máscara que está nua, é o próprio semblante que é real.

- Mas, abre, a partir daí perspectivas mais otimistas, nas quais, através do semblante, do semblante do real e do real do semblante, algo de verdadeiramente real sem se afirmar.

- Qual é a máscara do nosso real e, portanto, qual é o semblante próprio do capitalismo imperial mundializado, sob que máscara ele se apresenta que impede sua identificação e divisão, qual é a máscara ao mesmo tempo tão real e tão afastada de qualquer real que é quase impossível arrancá-la?

- Lamento ter de dizer aqui que o semblante contemporâneo do real capitalista é a democracia.

- A democracia de que estou falando é a que funciona em nossas sociedades de maneira institucional, estatal, regular, normatizada.

- Para retomar Molière, o capitalismo é esse mundo que está sempre representando uma peça cujo título é *A democracia imaginária*. E ela é bem representada, é a melhor peça de que o capitalismo é capaz.

- O acesso ao real do capitalismo imperial contemporâneo – também chamado Ocidente, mundo democrático, comunidade internacional, Estado de direito... nome é o que não falta – o acesso a esse real só pode se dar por meio de uma divisão constitutiva de caráter político (p. 25).

Mas a peça *A democracia imaginária* torna possível apenas falsas divisões, sendo a mais conhecida delas esquerda/direita. A esquerda hoje, dentro da única peça que está sendo apresentada...

- O real é sempre aquilo que se descobre ao preço de que o semblante que nos subjuga seja arrancado, Badiou chama esse gesto de “acontecimento”, esse gesto de arrancar a máscara, porque não se trata de algo interior à própria representação. É algo que vem de alhures, de um alhures interior, se assim podemos dizer, assim que esse alhures seja dificilmente situável e, infelizmente, muitas vezes improvável.

- Se o real só é acessível como extração de seu semblante próprio, então há necessariamente certa dose de violência no acesso ao real. Essa violência se faz presente com toda força na anedota da morte de Molière: o ator cai no chão, cospe sangue, etc.

\* há inevitavelmente uma dose de violência, porque a relação do semblante com o real faz parte do real.

- Ao arrancar a máscara, dividimos o real, não o deixamos intacto diante de nós. Todo acesso ao real o fere, através da divisão inelutável que se inflige a ele ao desmascará-lo (p. 27).

## II A definição

- Jacques Lacan definiu o real: “o real é o impasse da formalização” (p. 28).

Partir de um exemplo: aritmética elementar

- Todo cálculo é finito, termina com seu resultado, verdadeiro ou falso.

- Há uma formalização que é regulamentada (há regras) – no interior dessa formalização há uma atividade particular, que é o cálculo.

- Há aí uma verdade não explícita: sempre teremos um número como resultado, seja ele qual for, independentemente da duração do cálculo, será um número.

- Assim, não pode haver um último número. Seria contrário à liberdade do cálculo. Logo, algo nisso é infinito. A série dos números não tem fim. Mas esse infinito que funciona dentro do cálculo finito da aritmética, não é um número (p. 29).

O real dos números finitos da aritmética elementar é um infinito subjacente, inacessível a essa formalização. Um infinito oculto é a condição do cálculo finito, mas ao mesmo tempo não pode ser calculado; não pode figurar como “pessoa”.

- O real é o ponto de impossível da formalização.
  - Aquilo que a formalização torna possível só é possível pela existência implicitamente assumida daquilo que *não pode* se inscrever nesse tipo de possibilidade (p.30).
- O real é atingido não através do uso da formalização – já que ele é justamente o impasse dela -, mas quando se explora aquilo que é impossível para essa formalização. Não se trata de uma impossibilidade geral, mas do “ponto” preciso que é o impossível de uma determinada formalização
- Qual é o ponto preciso? O número infinito. Assim, o número infinito como impossível é o real da aritmética.
  - Qual é o real das imagens cinematográficas? O real de uma imagem cinematográfica é aquilo que está fora de campo
  - A imagem deve sua potência real ao ato de ser extraída de um mundo que não está na imagem, mas que constrói sua força (p.31).
- O fora do campo é o infinito próprio da imagem cinematográfica. Mas é também seu impossível.
- Tudo isso equivale a dizer que só se pode ter acesso a um real quando se descobre qual é o impossível próprio de uma formalização.
  - Qual é o real da política? É o ponto que é rejeitado para a impossibilidade latente de seu poder real.
  - É exatamente o que Marx quer dizer quando afirma que o real da política revolucionária é a extinção do Estado.
  - Ele diz, a sua maneira, que o fora de campo é o que está fora do Estado, o que não está sob a coação do que o Estado admite como possibilidade.
  - a realização real da política é o processo de desaparecimento do Estado
  - É aí que está, sob o nome de comunismo, o infinito próprio da política.
  - O Estado nunca é mais que a finitude calculável da política, de que o comunismo é, de certa maneira, o número infinito (p. 32).
- A possibilidade do impossível só é conceitualmente impossível no âmbito da formalização concernida: o cálculo dos números, o enquadramento do cinema, o Estado em política.
- Só um ponto *fora de formalização* pode dar acesso ao real. Não se trata de um cálculo interno à formalização, mas de *um ato* que faz a formalização se desvanecer momentaneamente em proveito de seu real latente. Esse acesso exige, num primeiro momento, que a potência da primeira formalização exija seja destruída. Será necessário admitir que há conjuntos infinitos, que de modo algum são aritméticos; será necessária a teoria dos conjuntos de Cantor.
  - Assim como no cinema é preciso que o diretor faça ver na imagem o que não está nela, destruindo a imposição do quadro.
  - Em política, o nome dessa destruição é revolução (p. 33).
- O processo de acesso ao real – um procedimento de verdade – está sempre em via de destruir uma formalização parcial, porque faz advir a impossibilidade particular e pontual dessa formalização.
- Conclusões:
- 1ª – só há conquista do real ali onde há uma formalização – pois, se o real é o impasse da formalização, é preciso que haja uma formalização. Logo, não há esperança de conquistar o real fora da existência de uma formalização, de um arranjo, de uma forma.
  - 2ª – a afirmação do real como impasse dessa formalização vai ser em parte a destruição dessa formalização. Ou, digamos, sua divisão. Tudo começa com *a afirmação de que o impossível existe*. Logo, a arte da política é, na verdade, a do impossível.
- A arte do possível é a política do semblante (p. 34).

Se quisermos a política como política do real, é preciso afirmar a existência do impossível e isso pode ter consequências incômodas para a formalização de que ele é o impossível próprio. É claro que a formalização maior de nossa existência é o capitalismo planetário. Seu ponto de impossível próprio é a igualdade, porque se alicerça na propriedade privada, a qual produz necessariamente desigualdades enormes. A desigualdade é constantemente reivindicada pelo capitalismo, enquanto a igualdade é tratada como uma utopia que conduz ao crime. O ponto do impossível próprio do capitalismo é a igualdade. “Axioma da igualdade”, Rancière (p. 35).

O acesso ao real do capitalismo é a afirmação da igualdade, é decidir, declarar que a igualdade é possível, fazê-la existir tanto que se possa por meio da ação, da organização, da conquista de lugares novos, da propaganda, da construção, em circunstâncias díspares, de pensamentos novos, da insurreição e da guerra se preciso for.

- Mesmo sob formas muito limitadas, todo processo “realmente” igualitário vai infligir graves ferimentos ao princípio constitutivo da formalização capitalista do mundo, que é o de que todo indivíduo tem o direito ilimitado de acumular riquezas. A essência do comunismo consiste em afirmar a existência da possibilidade, considerada como impossível do ponto de vista do capitalismo, de acabar com a desigualdade constitutiva que a propriedade torna inevitável. O comunismo, nesse sentido, o nome do único processo existente de exposição efetiva do real do capitalismo (p. 36).

### III. O poema

- Pier Paolo Pasolini: tormento solitário de uma busca desesperada pelo real

- Outra maneira de se aproximar do real: subjetivação propriamente dita.

- Havia em Pasolini um pensamento extremamente violento e um desejo ilimitado; tal combinação o deixou em conflito com o mundo tal qual era; a tal ponto que se mantinha pessoalmente muito perto do impossível. Sua poesia testemunha essa proximidade do ponto de impossível do mundo (p. 37).

1940-60: período que vai da solidez do stalinismo a seu descrédito total e sua derrocada.

- O que é o real da História.

- Fukuyama: tese acerca do fim da História; pode ser uma tese mal digerida de Hegel, mas não deixa de ser uma tese sobre o real da História. Agora podemos saber o real da História, porque com o capitalismo mundializado e o Estado democrático obteve-se uma fórmula geral capaz de tamanho consentimento que ela torna inúteis os conflitos históricos, entre classes ou entre nações, e, portanto, a própria História.

- Pasolini defendeu em 50 uma tese parecida; que pelo menos uma certa história tinha por real o estar em via de se acabar.

- Talvez seja justificável hoje pensar não que a História, mas que estamos tão próximos do ponto de impossível de uma certa história – de uma forma singular de historicidade (p. 38)

Pode ser que a História – a nossa história, a que sabemos contar – vá se abrir como a terra faz nos grandes sismos. Poderemos então começar de novo, dotados de um certo acesso ao real de nossa história, o qual terá sido o operador de divisão, não da História, no fim das contas, mas de nossa historicidade singular, aquela que, em definitivo, gira ao redor da perenidade dos Estados.

- Pasolini diz isso, não como Fukuyama, mas em meio a um tormento terrível, o momento de quem encara a experiência desse real que se tornou mortífero.

- “As cinzas de Gramsci” (1945) há uma potência profética extraordinária (poesia e matemática); a matemática revela relações que sequer existiam; em seguida tornam-se indispensáveis para pensar um ínfimo movimento da matéria; a poesia porque todo grande poema é o lugar linguageiro de um grande confronto com o real (p. 39).

Vocês notarão que a matemática e a poesia nomeiam as duas extremidades da linguagem: a matemática do lado do formalismo mais transparente e a poesia, ao contrário, do lado da potência mais profunda, e frequentemente opaca. Gramsci foi um pensador marxista europeu muito original. Quando lemos o título do poema de Pasolini, sabemos que restaram apenas suas cinzas (p. 40).

Cemitério; lugar da morte como figura do pensamento sobre o real; primeiro exílio de Gramsci: está enterrado em Roma onde estão os não católicos. Assim, esse lugar reúne, numa admirável fraternidade post-mortem, protestantes, judeus, muçulmanos, ateus.

- Podemos sustentar que o real tem sempre a forma de um exílio, já que, sendo o impossível ou o semblante de que é preciso arrancar a máscara, ter acesso a ele supõe que nos afastemos da vida ordinária, da vida comum. O real não é aquilo que estrutura nossa vida imediata; é, pelo contrário, seu longínquo segredo (Freud). E para descobrir esse segredo é preciso sair da vida ordinária, sair da caverna – como disse Platão de uma vez por todas (p. 41).

É enterrado então como um estrangeiro, perto de Shelley. É um exílio nacional. Há também um exílio social, um exílio de classe. Está em um bairro de mansões ocupado por famílias ricas; está em terra estrangeira como em terreno burguês: “Um tédio patricio te rodeia” (p. 42).

Por fim, e mais importante, há um exílio histórico: Gramsci dedicou sua vida a que o real da História se realizasse; viveu como militante e dirigente comunista porque pensava que era chegado o momento de realizar esse real: tornar possível o impossível.

- Levaram a cabo na Itália, e no mundo inteiro, uma revolução proletária.

- Gramsci é mantido em um exílio histórico, retratado pelas flores constantes no seu túmulo, porque o real que foi a razão da sua vida, o real da revolução proletária desapareceu. O próprio real que Gramsci queria fazer advir como real da História já nem sabemos o que é. Pasolini pergunta então, diante das cinzas, se é preciso renunciar a qualquer acesso ao real. “Tu me pedirás, morto descarnado, que renuncie a essa paixão desesperada de estar no mundo?” (p. 43).

O século XX como o século da “paixão pelo real”; Aí está ela!

- O poema vai descrever o mundo contemporâneo; seu desejo é de estar protegido do real. É um mundo no qual o semblante adquiriu tamanho vigor que cada um de nós pode viver, e desejar viver, como se estivesse a salvo de tudo aquilo que poderia ser um efeito real. De tal maneira que, nessa espécie de mundo, se por acaso o real opera uma abertura no semblante, causa imediatamente uma perturbação subjetiva total. O mundo de Gramsci que Pasolini descreve é um deserto de toda vocação de fazer advir o real da História. É um mundo onde reina o que Pascal chamou de *diversão* (p. 44).

O real surge quando a diversão começa a se esgotar e não consegue mais nos proteger desse surgimento. Na sociedade capitalista triunfante, a diversão é rainha; tudo que há é o anseio de se manter tão afastado do real quanto possível. “Substituir a vida pela sobrevivência” – Pasolini. A sobrevivência tem uma definição precisa: renunciemos à “paixão desesperada de estar no mundo”, só podemos dar continuidade ao trabalho negativo da diversão (p. 45).

No nosso mundo, a vida está dissipada. É uma vida assombrada pela ausência de qualquer verdade. Para Badiou e para Pasolini, “verdade” é uma palavra que pode vir no lugar da palavra “real” (p. 47).

Religião verdadeira significa que uma verdade seja possível. Exorquir à História seu real comunista. Essa convicção, de Gramsci, o poema afirma seu impossível hoje. O trabalho e o dinheiro e a humilde corrupção. A “humilde corrupção” é uma expressão admirável, pois reconhece que existe a grandiosa, o banditismo chique (p. 48). Alguns grandes corruptos podem ser sacrificados: vale a pena se, por essa pechincha, o sistema da “humilde corrupção”, que é também o da diversão, da sobrevivência, da vida protegida de todo e qualquer real, pode se perpetuar. Pasolini ousava em 1945 afirmar que o



nosso mundo seja intervalar. Então talvez uma outra história vá começar, talvez outra coisa advenha, talvez estejamos numa outra figura do impasse da formalização e outra etapa esteja por vir, assim como para além da aritmética grega há a história moderno da teoria dos conjuntos infinitos. “O mundo ocidental da “democracia” – das classes médias, da vida tranquila e contente, da sobrevivência na diversão, da ausência deliberada de qualquer real – seria apenas um momento raso de historicidade, entre alguma coisa que já era e algo que vai nascer. Subconscientemente seu estilo de vida estandardizado entra em uma saga que acaba por elevá-lo, na verdade, à corrupção grandiosa. Em nosso mundo intervalar, só podemos, de fato, vagar até encontrar o cantinho vazio onde podemos instalar nossa humilde corrupção (p. 49). Afinal, para sermos bons cidadão, é nos absolutamente necessário renunciar a tudo o que é real. Para renunciarmos ao semblante, é preciso aceitar o fim da história, mas não porque ela realizou todos nossos votos, mas porque é impotente na capacidade de realiza-los na *ordem do real*. (p. 50).

É possível obrar com paixão pura? (p. 51).

Em suma, a paixão pelo real foi mesmo a paixão do século XX. E é da morte dessa paixão que Pasolini nos fala. Já em 1954, no meio do século XX, um poeta nos diz que a história desse século, no que ela tinha de intenso, de memorável, de fundamental, terminou. A História, graças ao terrível labor da convicção, ia parir um mundo novo, que seria o real do mundo antigo [...] Milhões de pessoas acreditaram, muito simplesmente, que valia a pena consentir em terríveis violência (o que, hoje, no mundo da classe média atolada em sua diversão, parece horrível e escandaloso) (p. 52). A resposta à pergunta “pode o impossível existir” não barganha quanto a violências e ao número de vítimas. Assim, o século XX é sangrento e pavoroso, mas heroico. O heroísmo pode ser definido como “manter-se sempre no próprio ponto real”, manter-se ali onde o impossível vai ser confirmado como possível. O fim da História no poema de Pasolini é o fim dessa esperança (p. 53).

- Lição: é preciso dissociar história e política (p. 53).

Ciência da história: materialismo histórico dialético

- Política da política: nunca afirmada por Marx

- Em política, o real só será descoberto se renunciarmos à ficção historiadora, a ficção segundo à qual a História trabalha para nós.

- Não há uma relação política entre História e o florescimento de uma política comunista.

- Mas tal renúncia é limitada, pois não se estende de modo algum à ação política em geral. Podemos então obrar com paixão, mesmo que a ficção historiadora esteja morta e enterrada, ainda que saibamos que é um equívoco acreditar que as estruturas gerais da História e o real da História trabalham na direção da emancipação (p. 54). Isso requer uma dissociação muito difícil de conquistar entre a esperança histórica e a obstinação política.

- Formular três diretivas depois de Pasolini:

1 – Arrancar a máscara do semblante democrático: experimentar, sob a Ideia do comunismo, formas completamente diferentes. Renunciar então à propaganda segundo a qual o único contrário da democracia existente é um totalitarismo bestial. O contrário “totalitário” só serve para legitimar o semblante democrático cujo real é o capitalismo imperial. Quanto ao real, chegou o momento de uma experimentação política que começou desde sempre: Espártaco, Thomas Münzer, os *sans-culottes*, a Comuna de Paris, os soviets, a Revolução Cultural na China. Deve se apresentar desde o início oposta ao semblante democrático.

2 – Formalizar por nossa própria conta o capitalismo contemporâneo. A exatidão de uma formalização prepara para a determinação que age de seu ponto impossível de real. Sabemos de maneira muito geral que a igualdade é o ponto de impossível do próprio real. Mas os métodos organizados que nos

mantém o mais perto possível desse ponto variam de acordo com o estágio e circunstâncias do capitalismo. A igualdade era impossível de um jeito em 1840 e é impossível de outro hoje.

3 – Propor um balanço do século XX, um balanço da renúncia que Pasolini se inquieta – um balanço da renúncia à essência progressista da História (p. 55).

Mas é preciso ser um balanço da renúncia do ponto de vista de quem não renuncia.

Nesse sentido, alguma coisa do XX vai prosseguir, não podemos aceitar que tudo seja jogado fora. Todo esse trabalho, de pensamento e de ação, gira em torno da relação histórica entre real e destruição, porque há um preço terrível a pagar por essa ideia entusiasmante segundo a qual a História trabalha para nós, para a emancipação da humanidade. Esse preço se deve ao fato de que, em verdade, a História não trabalhava especificamente para a emancipação da humanidade e de que, portanto, para conservar a ideia entusiasmante, era preço forçá-la a fazer isso (p. 57).

Havia por isso uma atmosfera política geral acompanhava o entusiasmo de um pântano de suspeita, de delação, e instaurava a onipresença da categoria de suspeito – e isso desde a Revolução Francesa. Porque, se a História não trabalha para nós, quando em princípio devia fazer isso, é porque há sabotadores.

- Sabotar uma História que marcha a serviço da emancipação é de fato um crime considerável.

- Foi por isso que se massacraram suspeitos em massa. É o efeito de um dispositivo coerente da racionalidade dialética; não por barbarismo ou desconhecimento dos supostos “direitos humanos”.

Variante: já que a História deve parir um mundo emancipado, podemos, sem maiores escrúpulos, aceitar, e mesmo organizar, uma destruição em massa. É o que chamo de destruição de fenômeno da destruição histórica. Já que é a História que deve parir um mundo político novo e salvador, não é de admirar que as destruições sejam da mesma escala que a História. No âmbito das abstrações dialéticas, essa tese assume a seguinte forma simples, a negação carrega a afirmação (p. 58).

A destruição é a parteira da construção. Mas essa afirmação é inexata e tal inexatidão acarreta que a destruição do velho mundo ocupa um lugar desproporcional, e que a luta para dar cabo desse velho mundo até extrair dele os princípios do novo se torna infinita, interminável.

- Então, é preciso substituir essa dialética negativa por uma dialética afirmativa. É preciso renunciar a ideia de que a negação carrega em si a afirmação. Na realidade, vimos no século XX que a negação carrega em si a negação, engendra incessantemente novas negações. Se o uso da negação for necessário, deve ser severamente controlado de acordo com os limites dados pela potência prévia de uma afirmação. É preciso entrar em um ponto de impossível que não aquele que se atribui à História. Isso fará com que por um tempo as novidades políticas sejam de caráter inevitavelmente locais.

- É a partir de experimentações locais, e a partir de um critério afirmativo interno, aos atores da situação concernida, ao que pensam, ao que discutem, ao que fazem, que será definida a norma da negação, e conseqüentemente seu limite.

- É tudo isso que deve fazer parte do estilo militante dos políticos comunistas por vir, que permitirá renunciar as destruições históricas (p. 59).

Sendo assim, a chave do acesso ao real é uma dialética afirmativa. É dessa dialética que Pasolini faz um retrato em outro poema, “Vitória”. O órfão da história que, no entanto, tenta manter a paixão pelo real. Pasolini sente com melancolia e tristeza a necessidade de abandonar uma História que seria favorável. A irmã da dialética negativa seria terrível por abandonar a História (p. 60).

Apesar dos lutos que o pensamento nos impõe, buscar o que há de real no real pode ser uma paixão alegre (p. 61).